NA PELE DO LOBO

Agradeço à minha esposa
Adriana Pinheiro Fontes
pela tradução precisa do texto
italiano para o português brasileiro.
Obrigado Dri.

A
ADRIANA,SOPHIA,
GIULIA E PINUCCIO
MINHA
VIDA

CAPÍTULO 1

12 de novembro de 2003

O sol já estava alto no céu, era um enorme globo alaranjado contra um fundo amarelo brilhante, amarelo era a terra, amarelo era o céu e amarelo era a camuflagem dos dois soldados olhando para o leste.
<< Faltam apenas dois dias.>>
<< Espero que passem rápido, não vejo a hora de estar em casa.... >>
<<E eu vou curtir um pouco de frio, não aguento mais esse calor, parece que estou fervendo>>.
De repente, um clarão cegou os dois soldados e, em seguida, uma enorme bola vermelha e um rugido os gelou.
<<O que é...!?>>
<< Não sei, mas seja o que for... é aterrorizante. >>

3 dias depois

Esquadrões mistos dos EUA, Inglaterra e Itália vasculharam casa por casa em busca dos autores do bombardeio da base da OTAN em Akraham. O tenente Paolo Fonte fazia parte de uma equipe de cinco homens composta pelo capitão Steve

Malusci, da Marinha dos EUA, pelo capitão John Graham, da Marinha Real Britânica, pelo sargento Bob Mc Hinelly, dos EUA, e pelo marechal italiano Marco Liberi. Depois de revistar três apartamentos, apreender material comprometedor e prender seis suspeitos, a equipe foi a um último apartamento, sinalizado pela inteligência britânica como suspeito, para uma verificação.
<<Este é o lugar >>, disse o tenente Paolo ao marechal Marco.
<< Com certeza agora os dois "fanfarrões" vão arrombar a porta e entrar, já tenho a prática memorizada.
<< Como diz o ditado, 'se eles não forem terroristas, eles se tornarão terroristas' >>.
<< E sim... assim mesmo >>.
O capitão dos Estados Unidos ficou ao lado da porta da frente, que não era muito robusta, e acenou para o britânico que, quase divertido, deu um forte chute frontal e a porta fraca não ofereceu resistência. Abrindo a porta de par em par, os cinco entraram, os dois italianos por último e, olhando um para o outro, fizeram uma careta.
O capitão ordenou aos inquilinos << Freeze! >>

Sem entender inglês, mas sentindo tudo aquilo, a família composta por um jovem casal e uma garotinha de cerca de cinco anos de idade

congelou de medo na mesa enquanto almoçava e se agarrou ao pai.
O sargento avançou lenta mas ameaçadoramente em direção à família e se dirigiu ao homem em árabe, sendo ele o intérprete do grupo. O sargento jogou fotos sobre a mesa, fazendo-as tilintar com a mão, assustando ainda mais a humilde família, mas o sargento persistiu com o interrogatório em árabe, apontando o dedo para as fotos e perguntando se ele conhecia aqueles homens. O chefe da família fez que não com a cabeça, e sua esposa e filha tremiam de medo enquanto se agarravam a ele.
<< Já lhe disse que não, não conheço nenhum deles, sou apenas um humilde médico... o senhor está assustando minha esposa e minha filha... por favor, deixe-nos em paz... não temos nada a ver com isso. >>
O sargento ignorou o pedido, não o traduziu para o capitão e insistiu duramente: << Diga-me quem são eles, seus nomes, a localização... AGORA! >> Batendo com o punho na mesa, ele deixou cair a garrafa de água, que se estilhaçou. O chefe da família então se levantou aparentemente calmo e gesticulou com o dedo em direção à saída e disse: <<Já chega, eu o convido a sair de nossa casa, você não é bem-vindo>>, mas o capitão o agarrou pela orelha e o puxou em sua direção e disse: <<Você quer que a gente vá embora, hein? Você

não sabe de nada? Agora vamos ver se é verdade o que você diz, vou obrigá-lo a revelar todos os nomes e sobrenomes de seus comparsas imundos...>>, mas inesperadamente o homem, com um gesto do braço, libertou-se do aperto na orelha e cuspiu no rosto do capitão, que o atingiu com um punho forte, derrubando-o. Em seguida, ele o espancou repetidamente com chutes e pontapés. Em seguida, ele o espancou repetidamente com chutes no corpo e na cabeça, em meio aos gritos e choros de sua esposa e filha pequena. O restante da equipe afastou o capitão e pôs fim ao espancamento, Bob e Marco levantaram o árabe do chão e o sentaram em um sofá. O capitão continuou o interrogatório lenta e suavemente, com dificuldade.

<< Diga-me os nomes e onde eles estão...>>

<<Não sei e, mesmo que soubesse agora, nunca lhes contaria, porque vocês são os terroristas, seus canalhas imundos.>>

O capitão sacou sua Smith & Wenson cal. 9 e apontou-a para a testa do homem.

<< Diga-me onde eles estão, AGORA! >>.

Os gritos de terror da mulher fizeram as pernas dos presentes tremerem, exceto as do capitão, que olhou ferozmente para o homem, que disse calmamente, bufando:

<< Não sei... porco imundo infiel a todas as crenças...>>

De repente, a garota se lançou em direção a Paolo e o atingiu com socos fracos nas pernas e na barriga, tentando ficar cada vez mais alto. Paolo viu seu rosto, ela tinha grandes olhos âmbar injetados de ódio e lágrimas, estava desgrenhada, com longos cabelos pretos com mechas marrons e um belo rosto marrom com uma pinta em forma de lágrima sob o olho esquerdo e sua boca distorcida de raiva gritava frases incompressíveis para Paolo.
Paolo olhava para ela sem poder fazer nada. << Não, pare com isso... criança... pare com isso...>>
Os outros estavam ocupados em acalmar o capitão, que agora estava absorto na loucura.
Então, uma explosão fez o tempo congelar.
Todos olhavam para o capitão, que estava de pé com o braço direito esticado para a frente, e uma fumaça fraca saía da arma em seu punho; o homem à sua frente agora estava sem alma.

MERCADO DE AKRAHAM, 3 DIAS DEPOIS

<<Hoje, cumpà, vamos ter um almoço italiano, eu vou cozinhar.>>
O grupo de cinco homens, militares italianos em licença, está fazendo compras para o almoço, alegremente.
<<Então encontramos berinjelas e tomates, o que está faltando?>>
<< Faltam muitas coisas, por que não fazemos uma coisa multiétnica? >> disse Paolo, que estava cansado e desejava o frescor de seu dormitório.
<< Não, temos que procurar macarrao >>
<< Vamos tentar mais adiante, vislumbrei um tipo de supermercado. >>
Paolo soprou enquanto olhava ao redor, depois vislumbrou uma silhueta que o surpreendeu, era uma silhueta familiar, ela tinha o rosto coberto pela burca, mas a garota tinha um rosto familiar, era ela... a pequena "guerreira".
"Se a pequenina é a da casa, a do lado deve ser a mulher do árabe, mas ela parece muito mais carnuda... mesmo coberta... a menos que... a menos que ISSO!... Puta merda... NÃO!!! "Paolo instintivamente correu em direção ao pequeno gritando: << Abaixe-se, rápido!!! Vai, vai, jalla, jalla!!! >> Ele agarrou a menina como um jogador de futebol americano agarra o adversário e se jogou em uma loja. A explosão foi devastadora,

tudo o que havia em vidro se estilhaçou em uma chuva de cristais, seus ouvidos estavam zunindo e a cabecinha da menina tremia no peito de seu salvador. Em seguida, tudo ficou em silêncio, mas logo os gritos e as sirenes dos sobreviventes e dos socorristas se elevaram.

A menina estava a salvo, mas agora era órfã. Paolo a abraçou, ela chorava e procurava pela mãe assustada. A ajuda chegou e elas foram separadas.

Eles levaram os feridos envolvidos no ataque para vários hospitais territoriais e montaram rapidamente campos de socorro. Paolo foi imediatamente examinado por médicos locais e italianos do campo, acompanhado por oficiais de sua brigada e recebeu alta. Ao passar por um corredor que dividia as fileiras de leitos, o soldado parou para observar um anjinho com o rosto enfaixado dormindo, era ela, a pequena que ele salvou da morte certa, ele leu o nome dela escrito em uma pasta ao pé da cama: "Aisha". Como que por instinto, ele a beijou na testa e sussurrou: <<Olá Aisha, que seu Deus cuide de você, anjinho. >> Ela acariciou seus cabelos, virou-se e continuou em direção à saída.

Naquela noite, Paolo estava em um voo fretado para a Itália.

CAPÍTULO 2

BARI, ITÁLIA, OUTUBRO DE 2013

<< Entao!!! Você se move com esses "kits"?!>>
<< I" Kittemurt", ha ha>
<< Se você não terminar, um dia lhe darei um soco entre o nariz e o "queixo", onde estão os "kits"?!>>
<< Próximo ao ziper >>
Paolo jogou um pacote de café nele, que o atingiu nas costas, mas Simon estava rindo muito. Os dias alegres passavam rapidamente naquela pequena empresa de distribuição formada por amigos, e cada um deles fazia seu trabalho da melhor forma possível, então, no final do dia, saíamos ou ficávamos ali para tomar um drinque com outros amigos. Naquela manhã, Paolo estava indo com o Doblò para as províncias ao norte de Bari, entregando cápsulas de café. Havia muitos clientes, mas com a maioria deles ele havia estabelecido um relacionamento amigável; estava sempre sorrindo e fazendo piadas. Sua hora favorita do dia, além do almoço, quando todos nos reuníamos para contar histórias e fazer planos para a noite, era o fim da tarde, quando ele encontrava os amigos para sair ou os esperava na

empresa para se reunir e passar as horas pós-trabalho em alegria.
Paolo retornou no final da tarde e entregou o dinheiro a Simon, depois foi para o escritório e se sentou em sua poltrona.
<< Estamos indo para uma noite no Caribe hoje à noite, recebi os passes de Gigi, encontrei-o no bar esta manhã. >>
<< O Sr. mao de vaca atacou novamente, quantos passes você tem? >>
<< Duas óbvias, uma para mim e outra para Antonella. >>
<< Mavaff... um para você e outro para mim, é claro. >>
<< Nunca pague, certo? >>
<< O discípulo supera o mestre, é claro. >>
<< Você poderia parar de dizer "ÓBVIO" >>
<< Na verdade, foi você quem começou, a que horas vai me buscar? >>
<< Sempre com a minha, certo? >>
<< O discípulo...>>
<< Ele quebrou o galo, como sempre.>>
<< Obviamente >>
Simon, sempre um espectador das brincadeiras de Beppe e Paolo, ria do outro cômodo, pois não gostava do Caribe, preferia sair à noite na pizzaria ou no pub. Naquela noite, apenas os dois saíram, os outros tinham compromissos diferentes, embora depois, no clube, eles se encontrassem

com o resto do grupo que, como eles, adorava dançar salsa, merengue e bachata.
Eles chegaram um pouco mais cedo e o local estava meio vazio, mas eles preferiam assim, porque estavam desfrutando do Mojito de sempre em paz, sentados do lado de fora em confortáveis cadeiras de madeira e fumando um bom charuto.
Eles se sentiram em Cuba.
Pouco tempo depois, a boate começou a encher e a noite começou a ficar agitada. Paolo, como de costume, estava esperando o merengue para dar o seu melhor, enquanto Beppe adorava a bachata para o "embarque" habitual como um amante latino consumado.
<< Esse DJ não parece ter nenhuma simpatia pelo merengue, até agora ele só colocou um. >>
<< Jogue-se na Salsa! >>
<<Eu sei onde VOCÊ tem que se jogar... deixe-me chegar perto daquela morena, na esperança de que ela coloque um merengue abençoado.>>
De fato, assim que Paolo ouviu a introdução de "Mientes", sua música favorita, ele fez um gesto de agradecimento a Sebadj, convidou a garota para dançar, ela olhou para ele sorrindo e aceitou.
<<Eu odeio merengue. >>
<< Sério? Então, por que você aceitou? >>
<<Porque você é legal. >>
<< Só para isso? >>
<<Porque você é bonito. >>

<<Não é porque eu sou bom? >>
<< Não, esse não... ha ha! >>
<< Antipático...!>>
Paolo, absorto na dança, não percebeu que a moça o olhava sorrindo e, como de costume, quando a música terminou, ele se despediu, agradeceu a ela com um beijo amigável e voltou sorrindo para seus amigos.
A noite estava chegando ao fim e os dois amigos cansados estavam prestes a deixar a boate quando Paolo sentiu seu ombro ser tocado e se virou, era a garota do merengue que disse sorrindo:
<< E você não me oferece uma bebida depois de eu ter me sacrificado por você? >>
Paolo olhou para o rosto dela e se concentrou em um detalhe, uma pinta sob o olho esquerdo, que o fez lembrar de algo doloroso, mas ele não conseguia se lembrar do que, talvez da ressaca ou da adrenalina.
Ele ficou congelado por um tempo.
<< Ei! Você realmente não gosta de mim? >>
<<Não, não, desculpe... mas venha para o bar>>, balbuciou Paolo, de forma maliciosa.
Eles ficaram conversando por um tempo, fazendo amizade e se conhecendo melhor. Eles se despediram no estacionamento, onde os amigos dela estavam esperando por ela e, "coincidentemente", o Peugeout 405 de Beppe,

fumando seu charuto habitual, estacionou ao lado deles. No caminho para casa, Paolo estava excepcionalmente absorto em seus pensamentos.
<< O que há de errado com você? Apaixonado? >>
<< De quem!? >>
<< Da morena merengueira. >>
<<Ele odeia merengue. >>
<< Mas ele "adora" você. >>
<<Sim? Sério?...Bem, eu não sei! >>
<< O que há de errado? Mamas muito pequenas? >>
<< Você é vulgar e materialista...>>
<<Então, o que há de errado? >>
<<Mas eu não sei... uma angústia tomou conta de mim, não sei dizer por quê, algo tomou conta de mim, como um flash, mas não entendo o quê. >>
<< Talvez uma cena de um... filme pornô? >>
<< mas vai tom... nunca uma conversa séria.>>
<<Vamos tomar um drinque, por minha conta.>>
<<Mas eu pago... já conheço a piada.>>
<<"PARSIFAL", OK? >> e os dois amigos se dirigiram ao pub que costumavam frequentar depois da noitada.

Tarde da noite, Paolo estava em sua cama, não conseguia dormir, uma sensação de angústia o dominava e ele tentava entender por que aquele sinal sob o olho da garota, como uma lágrima, o

atingia, ele não conseguia se lembrar de onde o tinha visto antes. No dia seguinte, ele estacionou seu Matiz azul-marinho e ainda estava com sono, e naquela manhã não ouviu as piadas de Simon, ligou o Doblò e dirigiu até o centro de Bari para fazer entregas.
No final da manhã, ele parou em uma cafeteria para tomar um café e tentar acordar um pouco. Ela ficou do lado de fora da cafeteria, esperando que o ar fresco ajudasse. Ela viu uma garotinha de cerca de 5 anos de idade do lado de fora da loja de conveniência olhando ao redor e, em seguida, gritou preocupada: <<Mãe! >>, mas sua mãe imediatamente correu para ela, abraçando-a.
<<Aquele grito, aquela voz...>> Paolo sussurrou, estava se lembrando.
Um caminhão militar passou por ele, dissipando imediatamente a névoa em sua memória.
<< A pinta, a lágrima negra, aquele lindo rosto inocente... O anjinho de Akraham... Aisha... >> Ela quase explodiu em lágrimas.

Paolo retornou à empresa no final da tarde e Simon, junto com Fabrizio e Gianluca, fez com que ele superasse a sensação de angústia que o dominava. À noite, Piero se juntou a eles e passaram a noite juntos e felizes no Parsifal, a dolorosa lembrança de Aisha havia desaparecido.

No dia seguinte, depois de carregar a van, como de costume, em meio a piadas e risadas com Simon e cumprimentando-o com um soco no braço, Paolo se dirigiu para as entregas ao sul de Bari, que era sua parada favorita, porque visitava os lugares maravilhosos da costa apuliana que ele conhecia palmo a palmo, tendo passado toda a sua vida nesses lugares, e a maioria das entregas era para restaurantes à beira-mar. No final do dia, ele dirigiu e chegou a Conversano. Ele estacionou sob o maravilhoso castelo e entrou em uma porta em uma rua interna. Tocou a campainha e entregou o pacote de cápsulas de café ao cliente, mas este, como de costume, abriu a porta de par em par e fez um gesto com a mão: <<Entre, ofereço-lhe algo fresco, um suco? >>
<<Obrigado, neste calor é o que precisamos. >>
<< Vou pegar os óculos. >> O cliente era uma pessoa idosa e muito simpática, ele estava assistindo a um programa religioso na TV, um monólogo de um padre que atraiu a atenção de Paolo. "...mais vítimas ...Esses atos terroristas brutais fizeram mais vítimas, 16 soldados, 16 crianças separadas de suas mães, 16 maridos separados de suas esposas, 16 pais separados de seus filhos...e de quem é a culpa? Deles ou nossa? Quem está errado e quem está certo? Agora lamentamos NOSSAS vítimas, 16 meninos inocentes, homens que estavam lá para trabalhar

e trazer um salário para suas famílias! Mas não vemos quando os filhos DELES são arrancados de suas mães, ou as mães de suas filhas... QUANDO AS MÃES SÃO RASGADAS DE SUAS FILHAS... A MÃE DE SUA FILHA... tornando-a órfã... E ENTÃO COMO ELA VIVERÁ? COMO ELA CRESCERÁ? QUEM SERÁ A AISHA? QUEM VAI ODIAR AISHA!?", Paolo entrou em transe, estava olhando para a TV e aquelas palavras que somente seus ouvidos podiam ouvir atingiram sua alma como um furacão, abalando-o um pouco. << Você está bem, Paolo? Sente-se um pouco, deve ser o calor, tome uma bebida, vai se sentir melhor.>> O velho preocupado entregou-lhe um copo de suco gelado, mas Paolo estava suando e tonto. Ele ficou com o cliente por meia hora, depois se recuperou, agradeceu e se despediu. Ele voltou para Bari. Felizmente, não havia entregas naquela tarde, então ele ficou no PC com Simone e, quando voltaram, os outros passaram a noite em Santo Spirito, comendo um sanduíche à beira-mar e bebendo cerveja, exceto Simone, que era abstêmia e bebia Coca-Cola.

<< Você arrancou meu pai e depois minha mãe de mim, como viverei agora? Quem eu serei? Como crescerei? QUEM EU VOU ODIAR? EU VOU ODIAR VOCÊ! SIM! Porque a culpa é sua! SUA FALHA! >> Naquela noite, Paolo teve um pesadelo e acordou ofegante e molhado de suor,

como se tivesse saído de debaixo d'água. Ele foi ao banheiro e tomou um banho frio, eram 5 horas e, depois de tomar um café no bar, sentou-se para ler o jornal e passar o tempo. O "Corriere dello Sport" não estava disponível naquela manhã, então ele leu o "La Repubblica".
<<... "Carro-bomba no mercado de Bagdá, 27 mortos", ainda está em andamento? Quando essa besteira vai acabar? >>, Paolo comenta em voz alta.
<< E quando vamos parar de ir lá e quebrar nossas bolas? >> respondeu o garçom, Paolo olhou para cima e o encarou, estavam apenas os dois no bar e ele respondeu quase irritado:<< Agora a culpa é nossa? >>
<< Com certeza! >>
O barman havia acertado o alvo, como um soco no estômago e nas orelhas. Paolo ainda tinha a voz da pequena Aisha repetindo em seu sonho: "Sua culpa! Agora como vou viver, se eu viver... só por sua culpa!"
Ele saiu depois de pagar o garçom, que mudou de assunto por achar que o havia ofendido. Eles conversaram sobre futebol, mas Paolo ainda tinha aquelas palavras em sua mente e, mais tarde, no carro, parado para esperar Simon, ele sussurrou: << Aisha, anjinho, o que ela estará fazendo? Com quem ela estará? Quem ela será? Como posso